

# MULHERES CAMINHONEIRAS: OS DESAFIOS ENFRENTADOS NA PROFISSÃO

ELIS CRISTINA DE OLIVEIRA (FATEC AMERICANA)  
elis.oliveira2@fatec.sp.gov.br

SANETE IRANI DE ANDRADE (FATEC AMERICANA)  
sanete.andrade@gmail.com

## RESUMO

O presente estudo buscou analisar os desafios enfrentados pelas mulheres caminhoneiras em sua atuação profissional, com o fundamental foco na transportação. Neste sentido, o objetivo geral foi analisar a atuação profissional das mulheres brasileiras no transporte rodoviário de cargas e os desafios que essas profissionais enfrentam no exercício de sua profissão. A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica, com caráter descritivo e abordagem qualitativa para a elaboração do embasamento teórico. Para a pesquisa prática foram utilizados dois tipos de coleta de dados: a entrevista com líderes das caminhoneiras e questionário aplicado a um grupo de cerca 50 mulheres desta profissão. Como conclusão, verificou-se o desafio da profissão, relatado tanto em relação às questões que versam sobre os enfrentamentos operacionais que se apresentam diariamente, quanto ao tratamento que essas profissionais recebem por serem mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Logística. Caminhoneiras. Assédio.

## ABSTRACT

*The present study sought to analyze the challenges faced by female truck drivers in their professional activities, with a fundamental focus on transportation. In this sense, the general objective was to analyze the professional performance of Brazilian women in road freight transport and the challenges that these professionals face in the exercise of their profession. The methodology used was bibliographical research, with a descriptive character and a qualitative approach for the elaboration of the theoretical basis. For practical research, two types of data collection were used, interviews with truck drivers' leaders and a questionnaire applied to a group of about 50 women in this profession. In conclusion, the challenge of the profession was verified, reported both in relation to the issues that deal with the operational confrontations that arise daily, as well as the treatment that these professionals receive for being women.*

**KEYWORDS:** Logistics. Truck drivers. Harassment.

## 1. INTRODUÇÃO

O setor de transporte rodoviário de cargas tem se destacado ao longo dos últimos anos, impactado pelo crescente avanço tecnológico e o alto índice de industrialização no país, no qual precisaram se reinventarem a fim de permanecerem ativamente no mercado de trabalho.

Vinculado ao crescimento deste setor e permeado por tecnologias atualizadas nos caminhões, verifica-se a atuação de profissionais mulheres<sup>1</sup> com destaque significativo neste

---

<sup>1</sup> Este artigo é dedicado à caminhoneira Mara Fulber de Lima que nos deixou enquanto este artigo era produzido. Profissional dedicada, passou parte de sua vida enfrentando os desafios das estradas e da profissão. Fundadora do grupo GAE (Grupo Amigas Estradeiras) Mara marcou a vida de suas colegas ao juntá-las em um grupo *online* para estreitarem a distância física/emocional. As mensagens motivacionais de apoio mútuo iniciadas por ela continuam a fazer parte da dinâmica diária da comunicação estabelecida entre as estradeiras.

cenário, em especial no setor do transporte rodoviário de cargas. Segundo o Presidente da Federação Interestadual das Empresas de Transporte de Cargas (FENATAC), muitas profissionais preferem atuar na área urbana por questões de segurança.

A atuação das mulheres no mercado de trabalho nos últimos anos, tem sido pauta de diversas discussões e debates. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2018), a classe feminina vem ocupando no Brasil cerca de 45,3% das vagas de trabalho. Já o estudo em relação às estatísticas de gênero, também realizado pelo (IBGE), demonstra a figura feminina com um nível educacional mais elevado que os homens, no entanto, com remuneração salarial de 20% a menos que a classe masculina.

O crescimento do interesse pelo setor entre as motoristas, foi registrado com o lançamento do projeto Primeira Habilitação para o Transporte, lançado pelo SEST (Serviço Social do Transporte), SENAT (Serviço Nacional de Aprendizado ao Transporte) em fevereiro de 2019. Das 132 mil inscrições neste projeto, 44,7% pertencem ao sexo feminino, equivalente a 33 mil mulheres (DINO, 2020).

Sobre o exercício da profissão de caminhoneira pelas mulheres, Rebelo (2011), afirma que ao exercerem esta profissão vista como masculina, as motoristas enfrentam dois pontos importantes da subordinação feminina ao ficarem meses sem retornarem para casa e distantes dos filhos: “elas resistem aos espaços privados competente à mulher e resistem quando temem pra si o espaço público predominante masculino” (REBELO, 2013, p. 1).

Para Silva (2016), a inclusão da mulher no transporte rodoviário de cargas gera extremo incômodo, pois representa certa “ameaça” à classe masculina e até mesmo ao meio social, já que a maioria que atua nessa área são do gênero masculino. A mulher ao optar por enfrentar esse ambiente dominado pelos homens e se tornar caminhoneira, pode impactar sua vida conjugal, visto que maior parte dos parceiros não aceitam tal situação, assim incorrendo à separação. Quando se trata de combater a desigualdade de gênero, não significa camuflar ou eliminar as diferenças existentes entre os sexos, mas sim construir espaços sociais e mais igualitários, nos quais homens e mulheres possam conviver e trabalharem em condições dignas e democráticas.

No ambiente da logística, espaço amplo na atuação e de extrema relevância tanto para as corporações, como no encaminhamento das tarefas diárias dos indivíduos, é primordial entender os desafios enfrentados pela classe feminina diante do cenário e demandas das profissões.

Com base nesses dados, percebe-se que a presença das mulheres vem aumentando nos cargos que são considerados masculinos. No setor de transporte rodoviário de cargas são muitas as dificuldades, que vão desde os preconceitos no volante ou no comando de uma empresa, fretes baixíssimos, falta de segurança na estrada (sendo motoristas de caminhão) e entre outros. Quanto às vantagens, uma delas é que com o modal rodoviário, as mercadorias podem ser carregadas de forma rápida, encurtando a distância e tempo. Uma outra questão que se nota, é um ambiente dominado por profissionais do gênero masculino.

O estudo em pauta buscou analisar os desafios enfrentados pelas mulheres caminhoneiras em sua atuação profissional, com o fundamental foco na transportação. Neste sentido, o objetivo geral foi analisar a atuação profissional das mulheres brasileiras no transporte rodoviário de cargas e os desafios que essas profissionais enfrentam no exercício de sua profissão.

## 2. EMBASAMENTO TEÓRICO

Nesta seção são apresentadas algumas considerações sobre o transporte rodoviário de cargas no Brasil, a evolução da mulher e os desafios enfrentados pelas caminhoneiras no mercado de trabalho.

### 2.1 O transporte rodoviário de cargas no Brasil

Em 2019, a Confederação Nacional do Transporte (CNT) destacou o modal rodoviário como o mais utilizado para o transporte de cargas no Brasil, desde a década de 1950. Cerca de 60% de tudo que é produzido e consumido, chega aos destinos através do transporte rodoviário. Ademais, é o transporte que oferece maior flexibilidade e facilidade para pontos estratégicos de embarques e desembarques de mercadorias, os serviços de entregas “porta a porta” ao consumidor é um dos pontos fortes e o fato deste modal oferecer maior disponibilidade de horários e entre outros. Pode-se dizer também, que é o transporte que mais gera riqueza no país. (SILVA, 2015).

Segundo a matéria veiculada na plataforma Cargo X (2021), com o objetivo de obter maiores lucros, utiliza-se de algumas medidas de redução e racionalização de custos no transporte rodoviário de cargas, sendo necessário: (a) planejar a operação, (b) proceder manutenções adequadas, (c) fazer uso de veículos apropriados para o transporte, (d) trabalhar o carregamento do veículo de forma correta, além de usar técnicas modernas para carregar e descarregar, (e) utilizar novas tecnologias para equipamentos e peças, (f) treinar constantemente o colaborador (motorista), (g) renovar periodicamente a frota, (h) firmar acordos operacionais, (i) monitorar eletronicamente toda a frota, dentre outros procedimentos.

Ainda de acordo com dados da CNT (2017), a baixa qualidade da infraestrutura no país é um dos graves problemas que o transporte rodoviário enfrenta, a malha rodoviária pavimentada corresponde a 12,4%, enquanto a frota aumentou 63% no período de 2009 a 2017.

No ano de 2018, a CNT apontou que 57% das rodovias brasileiras, incluindo as federais e estaduais (107.161 km de vias em todo país foram analisadas pelo Serviço Social do Transporte-SEST e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte-SENAT) apresentavam algum tipo de problema relacionado às condições do pavimento, da sinalização e geometria da via. Sobre a avaliação, cerca de 44,7% da extensão geral das rodovias possuem alguma deficiência de sinalização, além dos pontos críticos que colocam em risco a segurança dos usuários (CNT, 2018).

No Brasil, maior órgão de infraestrutura da administração federal é o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), vinculado ao Ministério dos Transportes. Muitas das rodovias no país apresentam condições qualificadas como péssimas ou ruins e impactam no aumento do custo de manutenção dos veículos, além de reduzir sua vida útil para 18 anos.

Outro dado importante apresentado pela CNT (2016), refere-se ao percentual de ocupação por gênero do cargo de motorista de caminhão - 93,8% dessa modalidade no país é representada por homens e apenas 6,2% pelas mulheres. (SILVA, 2015). No entanto, conforme informações do Departamento Nacional de Trânsito – Detran (2017), por mais que nesse setor o percentual de mulheres caminhoneiras seja reduzido, esse número vem crescendo anualmente (SILVA, 2015). Sobre a participação da mulher neste segmento da economia, a próxima seção abordará mais informações.

## 2.2 Evolução da participação das mulheres no mercado de trabalho e na profissão de caminhoneira

O crescimento da indústria no século XX resultou em um aumento significativo de postos de trabalho e permitiu a entrada da mulher no mercado de trabalho. Nessa época surgiram vários preconceitos que perduram até os dias atuais, como por exemplo a inequidade dos salários (as mulheres ainda ganham menos que os homens, e na maioria das vezes executando as mesmas funções). Outra força motriz que inseriu a mulher no mercado de trabalho, foi a II Guerra Mundial: enquanto os homens lutavam na guerra as mulheres foram obrigadas a buscar o sustento de suas famílias. Suas competências e habilidades foram reconhecidas pelas empresas e elas continuaram com as atribuições de mães, esposas, e administradoras dos afazeres domésticos. Para Sina (1995), as mudanças ocorridas no século XX foram essenciais para quebrar paradigmas e a “tal fragilidade feminina”.

Bruschini (1994), argumenta que no período de 1985 a 1990 as mulheres alcançaram maior índice de inserção no mercado de trabalho e, economicamente, representaram um papel mais expressivo que os homens. Enquanto os homens mantiveram suas taxas de atividades, as mulheres tiveram um crescimento considerável. Neste mesmo período, as mulheres reduziram o número de filhos, o que ocasionou a sua liberação para o mercado de trabalho e as novas oportunidades de emprego surgiram, principalmente com o aumento da escolaridade e a formação em nível superior. Com essas várias mudanças, nota-se as variações no aspecto da força de mão de obra do gênero feminino. As relações de gêneros assimétricas e hierárquicas fizeram-se presentes no âmbito profissional e nas relações familiares e com todas as mudanças do mundo, as mulheres ainda são vistas como as responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados com a família, e os homens, os provedores. Estas diferenciações por gênero refletem no mercado de trabalho e determinam lugares desiguais e hierarquicamente determinados, além de favorecer a discriminação de gênero.

Em relação ao setor de transportes, a CNT (2019) apresentou a seguinte informação: dos 1.066 motoristas de transporte rodoviário entrevistados, 99,5% são homens apenas 0,5% mulheres nessa área de atuação profissional (FELTRIN; RAMOS, 2021).

É fato que as mulheres ao ganhar mais espaço na sociedade e no mercado de trabalho, permitiu às empresas criarem projetos de incentivos à participação e inclusão delas no setor de transporte. Para Feltrin e Ramos (2021), ainda é recorrente o preconceito na atuação de mulheres como motoristas de caminhão. A maior parte dos casos é em razão de uma grande parcela dos homens subestimarem a capacidade das mulheres, acreditando que não são capazes de dominarem uma máquina tão grande como um caminhão e, assim, criticam-nas com expressões grosseiras, dizendo que não dão conta do serviço.

Dados da CNT e Truck Pad, apontam um montante de dois milhões de caminhoneiros atuando no Brasil, e desses apenas 10 mil são mulheres, o que denota um percentual baixíssimo, com grande predomínio da presença masculina nesta profissão. (FELTRIN; RAMOS, 2021).

Segundo dados da CNT (2019), o Brasil possui 1.934,47 motoristas trabalhando nas rodovias federais entre cooperativas, frotas e autônomos, e desses apenas 0,5% são mulheres e em sua maioria, as profissionais atuam de forma autônoma.

Bruschini (1994), destaca que a maior dificuldade enfrentada pelas mulheres trabalhadoras no meio urbano são de conciliar as atividades domésticas com as de caráter profissional. Segnini (1997 apud CORRÊA, 2004), ressalta que um dos motivos das mulheres ainda não terem alcançado as mesmas conquistas que os homens no mercado de trabalho é pelo fato de cumprirem dupla jornada de trabalho, visto que continuam responsáveis pelas tarefas do lar.

Oferecer mais segurança nos postos de descanso e de paradas, pode favorecer a procura das mulheres por esse mercado de trabalho e melhorar a imagem da profissão de caminhoneira.

Corroborando com as afirmações de Rosa (2006) e Silva (2011), as motoristas estão diariamente expostas aos riscos de sofrerem assaltos, roubos e/ou acidentes todos os dias na vida de motoristas de caminhão. E esta convivência de risco eminente que ameaça a vida, acaba sendo uma preocupação diária por parte das trabalhadoras que têm de aprender a calcular as paradas no trajeto, sempre preocupadas com a segurança. Muitas estiveram sob a mira de armas durante roubos de carga e criaram estratégias próprias na tentativa de se protegerem de assédio e violência sexual (CONTAIFER; MENEZES, 2018).

Ora restritas por suas condições fisiológicas quando sua força física poderia dificultar a realização de determinada atividade, ora aprisionadas pelos estereótipos de gênero, os quais definiam sua personalidade (delicada, emotiva e cuidadora) e suas áreas de atuação (mundo doméstico) [...]. Assim, a mulher motorista de caminhão, transitando por mundos “masculinos” e “femininos”, ainda precisa enfrentar, diariamente, contextos de discriminação social e sexual, dentro e fora do seu trabalho (SILVA; 2016, p. 129).

Uma outra questão apontada entre as profissionais é o assédio sexual e moral em relação às mulheres caminhoneiras, quanto mais femininas, delicadas e cuidadas, maiores são os assédios sofridos. E o assédio não precisa ser necessariamente dirigido às mulheres como gênero, e sim naqueles que em tese despertam alguma atração sexual no ofensor. Muitos confundem as obrigações profissionais como favores pessoais e as empresas precisam prestar atenção às denúncias para não haver chantagens ou intimidações que podem ser consideradas importunações (HIGA, 2016).

Cabe à sociedade vencer os preconceitos que carregam há anos, seja por cultura ou herança econômica, que no contexto geral desfavorecem as mulheres, de modo a dar liberdade e direitos a todos, sejam mulheres ou homens, no trabalho, no seu lar ou na vida pessoal. (ANDRÉ, 2009).

### 3. DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

A metodologia usada para o desenvolvimento do trabalho foi o de pesquisa bibliográfica, seguida da pesquisa empírica, como se verá a seguir.

De acordo com Marconi e Lakatos (2006), a investigação bibliográfica é o levantamento de todos os materiais já publicados, em formato de revistas, livros, artigos, impressos ou em suporte digital. O seu objetivo é fazer com que o pesquisador tenha contato diretamente com investigações científicas realizadas acerca de um assunto específico, auxiliando o pesquisador a compor suas análises ao manipular estas informações.

Após a apresentação do embasamento teórico, o estudo apresenta a pesquisa empírica, elaborada a partir do uso da entrevista e aplicação de questionários. A amostra por conveniência, buscou caminhoneiras dispostas a participar da pesquisa, e que atuassem há pelo menos um ano na profissão. Três mulheres se disponibilizaram a participar da entrevista. O instrumento de coleta de dados contou com um roteiro de perguntas objetivas e estruturadas, que de acordo com Marques (2018), é realizada por meio de um plano que contenham indagações exclusivas, na qual a principal vantagem é a padronização. Já o questionário se resume em um meio de coleta de dados composto por várias perguntas que podem ser respondidas sem a presença do entrevistador e por escrito. (MARCONI; LAKATOS, 2006).

Para atender aos objetivos deste estudo, foram elaborados dois blocos de questões: (a) que qualificassem a respondente como idade, tempo na profissão e escolaridade. E, (b) questões para entender a dinâmica da profissão como: desafios da profissão por ser mulher; o tratamento recebido pelos colegas do gênero masculino; o que falta de apoio nas paradas obrigatórias (sanitários e área de descanso); se são respeitadas enquanto profissionais mulheres; como reagem com as possíveis piadas ou cantadas recebidas nesse ambiente; qual o desejo de melhoria nessa profissão para que outras mulheres optem pela profissão; quais as maiores dificuldades enfrentadas nesse setor; qual a motivação para exercerem esta profissão; o que esperam nessa profissão; informações sobre a trajetória profissional; os maiores desafios da profissão; e quais são as maiores dificuldades encontradas nessa área.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contato com as caminhoneiras deu-se inicialmente em conversas informais. Estas profissionais possuem um grupo em aplicativo de mensagens instantâneas conectado à internet, batizado de GAE (Grupo Amigas Estradeiras) e dele participam cerca de 50 caminhoneiras. Participar deste grupo proporcionou uma experiência que vai além da obtenção de informações sobre a vida profissional dessas mulheres. O grupo serve de apoio orientador para todos os momentos e abordam desde dicas sobre assuntos diversos, até mensagens motivacionais para o enfrentamento da rotina.

Quanto à origem das participantes, verifica-se a predominância dos estados do Sul, sendo que a maioria delas dirigem-se até a região central do país. Em relação à idade, varia de 21 a 67 anos; a experiência profissional, de um a 45 anos de profissão, e transportam os mais variados produtos.

O Grupo foi criado com o propósito dessas mulheres se unirem em uma ocupação predominantemente masculina; elas se comunicam para socializar ocorrências gerais e das mais variadas: (1) nas estradas, tais como: interdições, acidentes, obras, chuvas, fluidez do trânsito e entre outras.; (2) lugares adequados para: fazer refeições com qualidade, limpeza e segurança a preços honestos; (3) locais para pernoites: com infraestruturas satisfatórias para uso, como sanitários higiênicos e seguros; (4) e também para que quando elas estivessem na mesma rota permitissem encontros presenciais entre elas. Muitas delas não se conhecem pessoalmente, mas são tratadas como irmãs, afinal elas entendem a importância da classe e mesmo sendo pequena conhecem a força e relevância da proximidade do grupo.

De acordo com as conversas, verifica-se que atuar no maior modal que movimenta o país não é tão básico e tampouco, simples para as mulheres. Depurar-se com uma mulher dirigindo com domínio uma máquina tão grande vai muito além do conduzir um veículo destinado ao transporte de cargas pesadas e muitas vezes, perigosa.

Nas mídias sociais existem mulheres que trabalham como caminhoneiras e postam diariamente a rotina da profissão, bem como os desafios e as dificuldades do dia a dia da lida e são os mesmos relatados pelas estradeiras do GAE.

É importante destacar que entre as caminhoneiras presentes nas redes sociais, há as caminhoneiras que são blogueiras. Não foi o foco deste estudo apresentar o trabalho das blogueiras e sim das caminhoneiras como elas mesmas se autodistinguem.

No I Fórum de Mulheres no Transporte e Logística, ocorrido em 2022 na Fenatran (São Paulo) que é a principal feira de transporte rodoviário de cargas da América Latina e considerada o maior encontro do setor, houve um “bate papo” entre mulheres que atuam nessa profissão. Alguns movimentos estão empenhados em ajudar essa classe de trabalhadoras nos desafios por elas enfrentados. Dentre eles estão o Rota Feminina que tem por objetivo fortalecer

a representatividade da mulher na área de transporte e logística, Vez & Voz que é um movimento de valorização às mulheres que trabalham no setor de transporte rodoviário de carga e o A Voz Delas um movimento criado pela Mercedes-Benz para conscientizar a sociedade da importância das mulheres no transporte rodoviário de carga.

Como dito anteriormente, enquanto participante do GAE, foi solicitado às líderes do grupo uma entrevista e, assim, atender os objetivos declarados neste estudo. As respostas obtidas traduzem de forma organizada o que já se sabia por conta do contato diário com o grupo. Quanto ao perfil destas respondentes, verifica-se, que as líderes estão na faixa etária entre 29 e 39 anos, têm entre 2 e 14 anos de profissão, apenas uma delas é autônoma e duas delas têm filhos.

Entre os maiores desafios apresentados pelas líderes respondentes, o preconceito, assédio sexual, jornadas perigosas e exaustivas, falta de infraestrutura e salários menores em relação aos dos homens, foram as que tiveram maior relevância e que estavam em consonância com os comentários do grupo. O Quadro 1 apresenta estas informações.

Quadro 1 - Os desafios da profissão caminhoneira:

Preconceito	Assédio Sexual	Jornadas perigosas e exaustivas
Desafio de gênero. Na grande maioria das vezes os preconceitos vêm de familiares, dos contratantes e por seus colegas de profissão, pois associam o estereótipo feminino à fragilidade.	Por fazerem seus trajetos sempre sozinhas se tornam alvos de homens na estrada. É urgente elas terem a visibilidade da profissão para aumentar a conscientização sobre os incômodos do machismo para essa profissão.	A mulher caminhoneira precisa estar preparada para enfrentar desafios como esses em rodovias perigosas, assaltos, ausência prolongada de casa, noites mal dormidas, locais sem estruturas para hospedagem dentre outros percalços.
Falta de infraestrutura	Salários Menores	
Falta de sanitários em postos de combustíveis além das dificuldades para uma encontrar uma hospedagem segura. Esses obstáculos dificultam a jornada da condutora e aumentam a preocupação diante da falta de atendimento dessas necessidades básicas.	As mulheres enfrentam a inequidade salarial (em comparação aos salários dos homens) devido ao preconceito, mesmo prestando o mesmo tipo de serviço que o do homem, na maioria das vezes com mais qualidade, cuidado e mais confiabilidade.	

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

As mulheres caminhoneiras sofrem desigualdades de gênero dentro do meio social, pois muitos ainda acreditam que dirigir um caminhão é uma profissão “masculina”. Mesmo com toda tecnologia existente nos caminhões, está no imaginário popular que dirigir um caminhão requer força física. O domínio da máquina não estaria atrelado ao domínio da tecnologia ali existente. Outra falácia do senso comum, é a cultura que a mulher tem dificuldade em dirigir e que apenas os homens por desde crianças brincarem de motoristas teriam desenvolvido as competências requeridas para a profissão.

Neste universo profissional ocupado em quase sua totalidade por homens, atitudes machistas e assédio contra as mulheres são comuns. Elas têm que dobrar o cuidado com uso de vestimentas, pois as mulheres caminhoneiras acabam sendo assediadas sexualmente, muitas vezes, pelas roupas que estão usando. Elas encaram jornadas perigosas e exaustivas que fazem parte da profissão, pois a mulher motorista encontra-se sempre preparada para enfrentar desafios, como: rodovias perigosas e esburacadas, assaltos, ausência de casa, hospedagem em locais precários, noites mal dormidas. Conforme menciona Salvagni (2016, p. 132) “[...] é

comum as mulheres relatarem uma jornada de trabalho exaustiva, que se efetiva no decorrer de três a quatro meses de trabalho sem qualquer dia de descanso”.

A falta de infraestrutura inclui sanitários apropriados com a limpeza em dia, bebedouros sem vazamentos, sabonetes, papel higiênico, álcool em gel, chuveiros com água quente e principalmente, banheiros com portas nas estações. Segundo Salvagni (2020, p. 12) “o trabalho a coloca muitas vezes em contato com sujeira (banheiros na estrada, graxa do caminhão, pó), com necessidade de força física e por códigos binários pertences ao masculino”.

Existe também a desigualdade salarial entre os homens e as mulheres dessa profissão, sendo uma das principais barreiras que a mulher enfrenta no mercado de trabalho. Andrade e Nascimento (2010), destacam que os profissionais masculinos, a falta de equidade salarial e a carga horária intensa, são fatores que acabam tornando a rotina da mulher exaustiva. As caminhoneiras relatam que sentem bastante medo de ficar em locais inapropriados, como os postos de gasolina, devido sentirem que as pessoas as encaram de forma diferente. O que mais as preocupam são os riscos potencializados para estupros, além da falta de segurança há riscos de agressões físicas e morais que podem acontecer nesses locais. Devido à insegurança dos locais inapropriados, estas profissionais dificilmente conseguem descansar e recarregar suas energias para continuarem a lida.

O abandono das estradas danifica os caminhões, fazendo com que os profissionais tenham um cuidado redobrado, além de maiores gastos com a manutenção do veículo. O intenso trânsito e a falta de manutenção adequada nas rodovias, causam enormes prejuízos aos motoristas. É desnecessário destacar que investimentos nas rodovias como pontes de concretos e asfaltamento, além de manutenções periódicas e bem-feitas deveriam ser a praxe para a fluidez dos transportes rodoviários. Conforme já mencionado antes por Salvagni (2020), os maiores desafios para as mulheres referem-se a inclusão delas nesse meio. A ausência de ambientes adequados para paradas de descanso, decorre devido à falta de investimento dos postos em razão da profissão possuir baixo índice de ocupação pelo gênero sexo feminino. Os estabelecimentos que atendem este público não se preocupam em ter um espaço apropriado para elas.

Quanto ao tratamento recebido, as respostas podem ser verificadas no Quadro 2:

Quadro 2- Tratamento: respeito

Como ser respeitada
“Se algum homem vem com alguma cantada, eu falo que sou casada e a cantada acaba ali mesmo. Não uso roupas curtas, não falo palavras de baixo calão, assim não dou motivo e nem espaço para o desrespeito. Trabalhamos iguais aos homens, somos profissionais iguais”.
“Eu não dou liberdade para esses tipos de falta de respeito, pois aquele é meu ambiente de trabalho”. “Eu sempre dou o respeito para poder ser respeitada.” “Merecemos respeito porque temos as mesmas funções que os homens e executamos tão bem quanto eles e sem problema algum”.
“Sempre fui tratada com respeito, pois sempre me dei ao respeito. É assim que funciona. Hoje trabalho com meu esposo cada um em seu caminhão, mas fazemos as mesmas rotas, e por esse motivo não passo por cantadas e brincadeiras machistas”. A mulher merece respeito não somente nessa categoria, mas sim em todas, independente da área. Nessa principalmente por ser predominantemente masculina, a aceitação dos homens e empresas, pois somos capazes de exercer as mesmas funções que eles.

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Na fala das caminhoneiras é preciso impor respeito, avisar que é casada, impor limites para que sejam respeitadas. O fato de serem caminhoneiras podem ser assediadas? Interessante



a afirmativa de que “todas as mulheres precisam de respeito, independente da área de atuação, mesmo que seja predominada pelos homens”. A cultura machista da profissão parece querer castigar a profissional que tenta entrar neste campo de atuação visto como predominantemente masculino. Quanto às propostas de melhorias necessárias para que mais mulheres se sintam que podem atuar neste campo profissional. O Quadro 3 apresenta as opiniões.

Quadro 3- O que precisa ser melhorado para que as mulheres busquem mais por essa profissão.

Melhorias na profissão
As empresas deveriam olhar para as mulheres com os mesmos olhos que olham para os homens, pois elas são tão profissionais quanto eles. A falta de incentivo das empresas para que as mulheres possam ingressar nessa profissão é grande, elas precisam de uma primeira oportunidade e para que isso aconteça é necessário que as empresas deem a oportunidade.
A classe feminina está cada vez mais entrando na área do transporte, mas ainda precisa muito do incentivo das empresas na fase da contratação; acredito que precisa ter mais essas oportunidades.
A falta de oportunidade para as mulheres que desejam ter seu primeiro emprego na área, como cursos e treinamentos; muitas mulheres ainda encontram essas dificuldades.

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

É próprio do senso comum que as mulheres devem trabalhar em profissões que as mantenham mais próximas de casa para que possam cuidar da família, ou seja, que a vida na estrada não seria para mulheres. Há um desejo dessas profissionais serem tratadas com os mesmos direitos dos homens: em oportunidades e salários.

Apesar de ser um mundo predominado por profissionais masculinos, verificou-se que muitas empresas já estão optando pela contratação de mulheres caminhoneiras para reduzir alguns incidentes. As principais ofertas são voltadas para cargas no âmbito nacional, pois a ideia é garantir transporte com menos ocorrências.

Sobre os maiores desafios e o reconhecimento na profissão, as caminhoneiras relatam o seguinte, conforme Quadro 4:

Quadro 4 – Os maiores desafios da profissão e o maior reconhecimento esperado:

Desafios	Reconhecimentos
O maior desafio para ela é chegar ao cliente, concluir o contrato e voltar para carregar.	O maior reconhecimento seria um salário compatível com a profissão. E a falta de reconhecimento delas nesse ambiente predominantemente masculino.
O dever cumprido de entregar o carregamento nos prazos correto e chegar em casa no dia planejado.	Que nós mulheres possamos ter a dignidade de exercer nossa profissão de mulher caminhoneira como outra profissão qualquer, sem precisarmos receber rótulos, ou seja, sem precisarmos ficar provando todos os dias para a sociedade que somos capazes de realizar nosso trabalho com eficiência.
O maior desafio é enfrentar as estradas que são perigosas, há muitos acidentes, pois fazer o trajeto no horário e tempo exatos são fundamentais.	O maior reconhecimento seria as empresas disponibilizarem mais vagas para as mulheres, por elas serem tão eficientes, ou até melhores que muitos homens e ter uma igualdade de oportunidades.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A falta de reconhecimento profissional é tido como um dos motivos em que gera incômodo e também, a inequidade salarial entre os sexos (em alguns casos o homem que faz o mesmo trajeto que a mulher recebe um salário maior). A sociedade ainda espera que haja delimitação entre as profissões ocupadas por homens e mulheres, independente da necessidade de aptidão física.

Os maiores desafios residem na conclusão de sua jornada, retorno para a empresa ou até o ponto de embarque para outro destino. A incerteza do que vão enfrentar nas estradas pode gerar *stress* no cumprimento do prazo estipulado. O dever cumprido, tratamento igual, a dignidade da profissão mostra o quanto estas mulheres são desejosas de serem reconhecidas como profissionais que têm deveres, mas principalmente, direitos que devem ser iguais entre os gêneros.

Por fim, é importante destacar que nas comunicações do GAE algumas falas são recorrentes e de todo o grupo, tais como: o orgulho de terem a profissão que têm, da liberdade de poderem conduzir uma máquina que até um tempo atrás era da predominância masculina, do gosto pela profissão que não trocariam por nenhuma outra, que a saudade de casa e da família são imensas, mas não impedem de continuar na profissão que abraçaram, que muitas vezes tentar impor um comportamento masculinizado para afastar assédios, que o caminhão é a casa sobre rodas e por isso deve ser cuidado como um lar e que não estão para brincadeiras, nem para qualquer desfrute, pois são caminhoneiras.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo que teve por objetivo analisar a atuação profissional das mulheres brasileiras no transporte rodoviário de cargas e os desafios que essas profissionais enfrentam no exercício de sua profissão, pode-se afirmar que o objetivo foi alcançado.

Para desenvolver o estudo, foram efetuadas pesquisas bibliográficas para elaborar o embasamento teórico constituído por considerações teóricas sobre o transporte rodoviário de cargas no Brasil, seguido de uma breve apresentação sobre a evolução da participação das mulheres no mercado de trabalho e na profissão de caminhoneira. Nos procedimentos metodológicos, foram utilizadas, como técnica de coleta de dados, a entrevista com três líderes do grupo de caminhoneiras e questionários aplicados para um grupo de cinquenta profissionais do GAE.

Verificou-se que aos poucos as profissionais do transporte vêm se inserindo em espaços antes de domínio exclusivamente masculino. Suas conquistas ainda carecem de tratamento de igualdade em alguns aspectos, mas já festejam o espaço, ainda que com representatividade tímida, conquistado.

As mulheres vêm quebrando paradigmas de que essa profissão seja exercida apenas por homens. Nesse ambiente, as caminhoneiras se destacam-se por serem mais cautelosas com o veículo de carga, com a limpeza do ambiente, e trazerem consigo um espírito de liderança, planejamento e manejo das informações.

Em relação aos dados apresentados, verifica-se que os desafios encontrados pela classe feminina em sua atuação profissional no transporte rodoviário de carga, com destaque às jornadas de trabalho exaustivas, distância dos seus familiares em razão de ficarem um longo período fora de suas residências, além das dificuldades em realizar sua higiene pessoal, por conta das condições encontradas nos pontos de parada nas rodovias, tem mais destaque na busca pelo tratamento quanto à igualdade de gênero, tanto no desempenho de suas funções profissionais e de remuneração. Fica claro que o maior desafio enfrentado por estas profissionais é o machismo da profissão, que para o senso comum trata-se de uma profissão masculina.

É importante reforçar que, as corporações precisam entender à necessidade de adotar políticas de inclusão e equidade de gênero, fazendo com que o ambiente se torne verdadeiramente inclusivo e as mulheres sintam-se parte deste espaço. E para finalizar, parafraseando Rebelo (2011), a resistência das mulheres em permanecerem num ambiente que

não lhes oferecem conforto nem estrutura adequada para sua presença, tampouco respeito por parte de uma grande maioria dos profissionais do sexo oposto, deveria reverter ao fato de que são urgentes as mudanças que devem ser adotadas nesse ambiente profissional para atender a demanda apresentada.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.; NASCIMENTO, T. **As motoristas do transporte coletivo de Goiânia**: inserção no campo das 'profissões masculinas', limitações e desafios. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE TRABALHO E GÊNERO: ASSOCIATIVISMO, PROFISSÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3., Goiânia, 2010.

ANDRÉ, W. **Preconceito profissional contra a mulher**. Extraído do blog: [s. n.], 2009. Disponível em: <http://willianandre.blog.com/2009/11/05/preconceito-profissional-contra-a-mulher>. Acesso em: 28 set. 2022.

BRUSCHINI, Cristina. **Novos Olhares: Mulheres e Relações de Gênero no Brasil**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

CARGO X. **Transporte rodoviário: por que ele movimenta o Brasil**. Cargo X: São Paulo, 2021. Disponível em: <https://cargox.com.br/blog/transporte-rodoviario/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRANSPORTE. **Somente 12,4% Da Malha Rodoviária Brasileira É Pavimentada**. Confederação Nacional Do Transporte: Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.cnt.org.br/agencia-cnt/somente-12-da-malha-rodoviaria-brasileira-pavimentada>. Acesso em: 22 ago. 2022.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRANSPORTE, CNT. **Mulheres no transporte brasileiro**. Confederação Nacional Do Transporte: Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.cnt.org.br/agencia-cnt/mulheres-comando-transporte-brasileiro>. Acesso em: 28 set. 2022.

CONTAIFER, J.; MENEZES, L. **Caminhoneiras codinome coragem**. Metrôpoles: [s. n.], 2018. Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/mulheres-caminhoneiras-superam-preconceitos-pelas-estradas-do-brasil-2>. Acesso em: 28 set. 2022.

CORRÊA, A. M. H. O assédio moral na trajetória profissional de mulheres gerentes: evidências nas histórias de vida. 2004. 184f. **Dissertação** (Mestrado em Administração). Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

DNIT. **Manual de pavimentação**. Publicação IPR-179. Ministério dos transportes. Departamento nacional de infraestrutura de transportes, Instituto de pesquisas rodoviárias. 2006.

DINO. **Mulheres começam a ocupar as estradas: 10% dos motoristas de caminhão são caminhoneiras**. Mundo do marketing: São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.mundodomarketing.com.br/noticias-corporativas/conteudo/250611/mulheres-comecam-a-ocupar-as-estradas-10-por-cento-dos-motoristas-de-caminhao-sao-caminhoneiras>. Acesso em: 29 ago. 2022.

FENATAC. Federação Interestadual das Empresas de Transporte de Cargas. Disponível em: [www.fenatac.org.br](http://www.fenatac.org.br). Acesso em: 22 abr. 2022.

FELTRIN, A.; RAMOS, A. **A força das mulheres no transporte rodoviário de carga**. Estadão: São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/coluna/forca-das-mulheres-no-transporte-rodoviario-de-carga>. Acesso em: 22 ago. 2022.

Paulo, 2021. Disponível em: <https://estradao.estadao.com.br/caminhoes/a-forca-das-mulheres-no-transporte-rodoviario-de-carga/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

HIGA, F. da C. Assédio sexual no trabalho e discriminação de gênero: duas faces da mesma moeda?. *Revista Direito GV*, v. 12, p. 484-515, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC)**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>. Acesso em: 19 de ago. de 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.. **Técnica de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006

MARQUES, J. R. **Entendendo os conceitos de Entrevista Estruturada e Não Estruturada**.

Instituto Brasileiro de Coaching: Goiânia, 2018. Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/mercado-trabalho/entendendo-os-conceitos-de-entrevista-estruturada-e-nao-estruturada/>. Acesso em: 22 ago. 2018.

REBELO, Francine Pereira. As Batonetes: Uma etnografia sobre representações de gênero a respeito de caminhoneiras. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011

REBELO, F. P. Mulheres motoristas de caminhão: viajando pelos arranjos familiares. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 10., 2013, **Anais eletrônicos** [...], Florianópolis, 2013. p. 1-11. Disponível em: [http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384883230\\_ARQUIVO\\_FrancineRebelo.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384883230_ARQUIVO_FrancineRebelo.pdf). Acesso em: 29 ago. 2022.

ROSA, I. **Trilhando caminhos e perseguindo sonhos**: Histórias e memórias de caminhoneiros. Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia: UFU, 2006.

SALVAGNI, J. As caminhoneiras: uma carona nas discussões de gênero, trabalho e identidade. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, p. 572-582, 2020.

\_\_\_\_\_. **As caminhoneiras**: uma carona nas discussões de gênero, trabalho e identidade. 2016.

\_\_\_\_\_. Tempo, trabalho e risco: uma análise das temporalidades nas relações de trabalho. *Confluências*, Niterói: PPGSD-UFF, v.12, n.1, p.213-237, out. 2012.

SEST SENAT. Disponível em <http://www.sestsenat.org.br>. Acessado em: 13 de outubro de 2022.

SILVA, L.G. O trabalho dos motoristas de caminhão: a relação entre atividades, vínculo empregatício e acidentes de trabalho. **Dissertação de Mestrado**. São Paulo (SP), 2011.

SILVA, L. G. **Mulheres motoristas de caminhão**: realidades, estereótipos e desafios. 2016. 163f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, 2016.

SILVA, K. S.. **Logística Brasileira**: um estudo teórico do modal aquaviário (cabotagem). 87f. 2015. Monografia (Graduação em Tecnologia em Gestão Pública) – Universidade Federal de João Pessoa: João Pessoa, 2015.

SINA, Amalia. **Mulher e trabalho**: mais que aparência. São Paulo: Saraiva, 2007.

XIV FATECLOG – **LOGÍSTICA E SOCIEDADE: PRESENÇA FEMININA, DIVERSIDADE, INCLUSÃO SOCIAL E SUSTENTABILIDADE**